



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Graduação em História

TIAGO DE OLIVEIRA VELOSO SILVA

Saga dos Volsungos

Uma análise de feitiçaria, fertilidade e simbolismo do lobo.

Brasília, dezembro de 2016

TIAGO DE OLIVEIRA VELOSO SILVA

Saga dos Volsungos: Uma análise de feitiçaria, fertilidade e simbolismo do lobo.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade de Brasília,
como pré-requisito para a obtenção do
título de licenciado/bacharel em
História

Prof. Dr. Celso Silva Fonseca.

(Orientador)

Profa. Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho

Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro

Brasília, dezembro de 2016

Abstrato:

A Saga dos Volsungos trata de um assunto específico, a jornada de uma família e seus feitos, e dentro desta narrativa pode-se analisar alguns pontos: como a sociedade escandinava se estruturava; a posição das mulheres na sociedade; estereótipos de masculinidade; estrutura familiar e laços matrimoniais; cerimônias e rituais, e honra. Além de uma análise da sociedade, pode-se também debruçar-se sobre as simbologias pagãs presentes no texto e o que elas significavam para os escandinavos — o significado da metáfora do lobo. Também existe a possibilidade de analisar a obra de forma a entender quais foram as reproduções cristãs que o autor (ou autores) desconhecido(s) inseriu na obra, uma vez que o autor (ou autores) era parte de uma cultura cristã, ainda que numa sociedade descendente de outra pagã. Dentre as inúmeras possibilidades de análise da Saga dos Volsungos, este artigo irá analisar as passagens em que o autor(es) aponta aspectos, que uma vez examinados, permitirão entender a sociedade escandinava durante a Era Viking, neste caso, os pontos específicos que tocam a representação da maçã como símbolo de fertilidade, o lobo e sua imagem metafórica, e por último a feitiçaria feminina.

Palavras-chave: Era Viking; Fertilidade; Lobo; Feitiçaria.

Abstract:

The Saga of the Volsungs talks about a specific matter, the journey of a Family and their deeds, e within this narrative it's possible to analyse some items: how the scandinavian society was structured; the position of women in society; stereotypes of masculinity; family structure and marriage bonds; ceremonies and rituals, and honor. In addition to an analysis of the society, one can also look at the pagan symbologies present in the text and what they meant to the Scandinavians - the metaphoric meaning of the wolf. There is also the possibility of analyzing the work in order to understand the christian reproductions that the unknown author(s) inserted in the work, since the author (or authors) was part of a christian culture, even though descendant of a pagan society. Among the numerous possibilities of analysis of the Saga of the Volsungs, this article will analyze the passages in which the author(s) points aspects, that once examined, will allow to understand the Scandinavian society during the Viking Era, in this case, the specific points that involve the representation of the apple as a symbol of fertility, the wolf and its metaphoric image, and lastly the female sorcery.

Keywords: Viking Age; Fertility; Wolf; Sorcery.

Tradição das sagas e a tradução

A Saga dos Volsungos, cujo nome do escritor (ou escritores) é desconhecido(s), faz parte de uma tradição literária Islandesa que teve seu auge entre os séculos XIII e XIV, ou seja, uma Islândia já cristã. A cultura da escrita e registro de histórias e lendas presente na Islândia é um resultado direto da cristianização, pois já era tradição dos monges e padres escrever e grafar em tomos e livros a história cristã. Afirmar Théo Moosburger¹, na introdução de sua tradução da Saga dos Volsungos, a cultura cristã foi o que destruiu e ao mesmo tempo o que preservou a cultura escandinava pré-cristã, destruindo ao substituir e apagar suas práticas e cultos, mas preservando ao dar as ferramentas necessárias para que pudessem ser feitos registros de algumas lendas e sagas.

Existia na Escandinávia uma forma escrita de linguagem, as runas, mas eram em sua grande maioria utilizadas como inscrições e dedicatórias. Existem várias estelas por toda a Escandinávia que além de conterem representações/desenhos de mitos e cenas da vida real, também possuem algo escrito com as runas, mas o conhecimento desta linguagem era restrito. Acreditava-se também que as runas possuíam propriedades mágicas e que a sua inscrição em certos lugares proporcionaria proteção, sorte, força, entre outras coisas, que serão abordadas mais adiante no poema de *Brynhild*.

Apesar de não se ter conhecimento de quem é o autor(es) da Saga dos Volsungos, o nome de pessoas que escreveram outras sagas é conhecido, como é o caso de Snorri Sturluson, famoso por ter escrito a *Edda em Prosa* (também conhecida como Nova *Edda*) que tratava em termos mais explicativos e compreensivos os poemas da *Edda Poética* (*Edda Antiga*). Vários outros exemplos de sagas como a *Heimskringla*, *Ynglinga Saga*, *Gesta Danorum* e *Saga de Ragnar Lodbrok*, são conhecidas. A última, inclusive, foi adaptada em 2013 para a série de televisão do canal *History* chamada *Vikings*.

O livro Saga dos Volsungos foi traduzido por Théo de Borba Moosburger (doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina), diretamente traduzido do Islandês da edição com ortografia modernizada de Örnólfur Thorsson. Em sua tradução, Moosburger é muito cuidadoso ao explicar termos que podem ser muito específicos, expressões referentes a mitologia ou

¹ MOOSBURGER, Théo de Borba. *Sagas Islandesas: Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 17.

relacionadas a imagens poéticas (conhecidas como *kenningar*) e até mesmo explicações históricas e sobre a própria história que é contada na saga, pois ela pode se tornar um pouco confusa em alguns momentos. Fato é, o tradutor se preocupou bastante em tornar o conteúdo da saga o mais acessível possível para o maior número de pessoas, e a tradução das sagas para várias línguas é uma tendência que é visto mundialmente².

Contextualização histórica da saga

Os personagens das sagas islandesas são habitantes do norte da Europa, ou seja, indivíduos escandinavos. A população escandinava faz parte da tradição Germânica e os germanos são descendentes dos indo-europeus, um aglomerado de população que migrou para vários lugares do mundo³. O estudo da língua indo-europeia e proto-indo-europeia é muito forte mundialmente e pode relacionar-se com outras línguas como o indiano antigo, grego antigo, línguas eslavas, iraniano, entre outras. Praticamente todas as línguas da Europa têm raízes indo-europeias⁴. Os escandinavos não são diferentes e possuem em suas linguagens a matriz indo-europeia. A tradição que lhes foi herdada não se resume somente na linguagem, mas também em mitos primordiais.

O momento em que os escandinavos entram em foco na história é conhecido como Era Viking, um extenso período de tempo em que os vikings se expandiram e atacaram vários lugares. A data em que a Era Viking começa não pode mais ser datada precisamente em 793 d.C., no ataque ao monastério *Lindisfarne* em *Northumberland*⁵, norte da Inglaterra, porque existem dados que indicam que houveram outras incursões mais antigas do que esta. Apesar do ataque de 793 ter sido a primeira agressão na Europa Ocidental documentada, houveram inúmeros ataques na Europa Oriental anteriormente, ou seja, a Era Viking e seus ataques começaram antes, o que coloca a datação incerta, pode-se apenas afirmar que a Era Viking começou no final do século VIII⁶.

² LANGER, Johnni. Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 909-936, jul./set. 2016.

³ LANGER, Johnni. *Deuses, Monstros, Heróis*: ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Editora UnB, 2009, p. 171.

⁴ TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos Indo-Europeus: Zeus e a proto-religião dos indo-europeus*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 179.

⁵ ROESDAHL, Else. *The Vikings*. 4.ed. Londres: Penguin, 1998, p. 10.

⁶ Ibidem, p. 10.

A palavra viking vem do nórdico antigo *vikingr* e era usada para se referir, entre outros, a piratas e mercenários, logo, viking é uma denominação ampla que agrega basicamente aqueles que faziam uso do mar para tomar algum lugar de assalto ou lutar⁷. As sagas islandesas, que em algum momento provavelmente foram tradições orais durante a Era Viking ou até mesmo anterior, só foram escritas entre os séculos XIII e XV, e em muitas delas não é possível datar os acontecimentos ou discernir se o que é contado é um acontecimento histórico ou uma criação com bases históricas, e raras são as vezes em que os personagens das sagas conseguem ser ligados a personagens históricos, logo, pode-se entender que algumas das sagas, como o caso da Saga dos Volsungos, apesar de terem fortes indicações datáveis (como a aparição de Atli [Atila] e Hunaland, terra dos Hunos) não é possível ter um consenso.

A Era Viking, como já citado, foi um período de grande expansão e enriquecimento para os povos escandinavos, enriquecimento este às custas de invasões, como por exemplo a grande pilhagem de Paris e a área do rio Sena em 875 e a pilhagem de Hamburgo no mesmo ano⁸. Várias outras localidades foram atacadas, como a Inglaterra, Escócia e Irlanda, e alguns desses locais também foram ocupados por população nórdica. A Era Viking e sua expansão viu a instalação de povos na Islândia, lugar que posteriormente foi responsável pela grande maioria da produção de sagas, pelos Noruegueses como diz no *Íslendingabók* (O Livro dos Islandeses). Livro que conta grande parte da história conhecida da Islândia⁹. Outro local mais ao Oeste que foi colonizado por escandinavos é a Groenlândia, embora a população ser esquimó, não houve conflito pelo fato de que os esquimós viviam mais ao norte da área ocupada¹⁰. Os escandinavos inclusive conseguiram o feito de terem sido os primeiros europeus a chegarem na América, apesar de não terem ficado lá por muito tempo, uma vez que a terra já era ocupada e os colonos eram fazendeiros e não guerreiros “vikings”. O motivo de toda esta expansão e assentamento em regiões tão remotas é a terra que estava escassa e pouco produtiva em seus países de origem¹¹.

Os escandinavos eram politeístas e tinham um grande panteão de deuses dividido em duas famílias, os ases e os vanes. O mais poderoso e chefe dos ases era Odin, chamado também de Wotan pelos germânicos, e era o pai de vários deuses, como Thor, Baldr e Tyr. Odin aparece

⁷ LANGER, op. cit., p. 169.

⁸ ROESDAHL, Else. *The Vikings*. 4.ed. Londres: Penguin, 1998, p. 198.

⁹ Ibidem, p. 266.

¹⁰ Ibidem, p. 262.

¹¹ Ibidem, p. 262.

bastante na Saga dos Volsungos aconselhando pessoas e guiando a história em alguns momentos, e até aparecendo fisicamente para os personagens, característica que não se observa em outros deuses dentro desta saga. A outra família, os vanires, são chefiados por Freyr, ou Frey, deus da fertilidade e da colheita. Os deuses vanires estão em sua grande maioria mais conectados com a questão da fertilidade, enquanto os aesires são mais relacionados a aspectos guerreiros, como a inteligência e a força¹².

A conversão para o cristianismo começou na Dinamarca por volta de 965 d.C. com o rei Harald Bluetooth, enquanto que na Noruega o primeiro rei cristão foi Haakon Adalsteinfostre em 935, e na Suécia, apesar de poucas fontes, data-se para o começo do século XI¹³. A conversão é relatada sem grandes conflitos diretos, mas sem dúvida houve resistência, seja ela física ou cultural, e todos os países levaram um bom tempo até serem completamente convertidos, especialmente nas áreas rurais.

A Saga dos Volsungos

A Saga dos Volsungos descreve a história de uma família, os descendentes do rei Volsung, filho do rei Rerir, que por sua vez é filho de Sigi, filho direto do deus Odin. A história no geral, foca mais nos personagens Sigmund e Signy, ambos filhos de Volsung e seus descendentes. Sigurd filho de Sigmund e Hiordis, filha de um poderoso rei chamado Eylimi é o “herói” da saga, e é o que mais tem sua vida descrita na Saga dos Volsungos.

Nos dois primeiros capítulos da saga, é explicada a origem da linhagem dos volsungos e sua sacralidade, ou seja, os volsungos por serem descendentes de um deus, Odin, têm também uma afirmação do seu poder real, além de serem mais fortes e honrados do que os outros homens que não têm essa descendência divina. Em seguida, já falando de Signy, filha de Volsung, Odin faz sua primeira aparição corpórea na saga, cravando uma espada em uma árvore que se encontrava no meio da mansão do rei Volsung durante a cerimônia de casamento entre Siggeir e Signy, a árvore, de acordo com Ronald Finch, em sua tradução do texto original feita em 1965¹⁴, provavelmente era uma macieira por causa da sua relação com a fertilidade nos mitos e crenças escandinavas. A espada, muitíssimo forte, seria entregue a quem quer que conseguisse retirá-la da

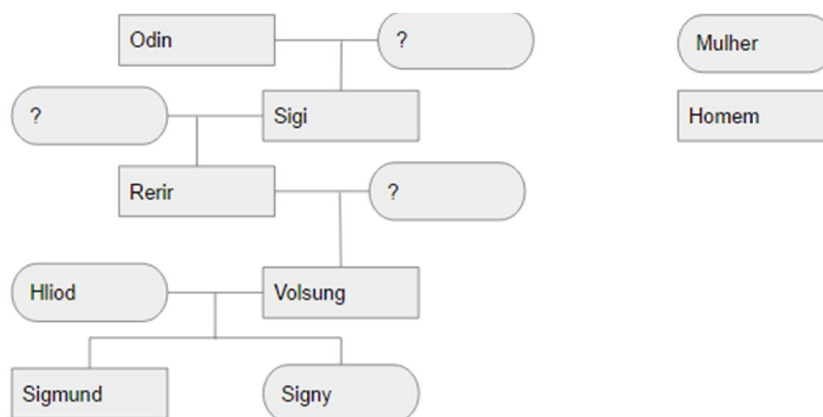
¹² LANGER, Johnni. *Deuses, Monstros, Heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora UnB, 2009, p. 184.

¹³ ROESDAHL, op. cit., p. 162.

¹⁴ FINCH, Ronald G. *The Saga of the Volsungs*. Londres: Nelson, 1965.

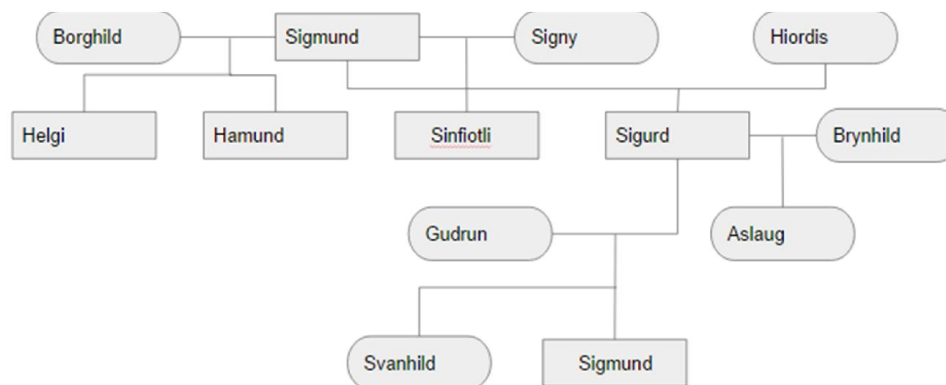
árvore (uma semelhança grande com a história do Rei Arthur em que o mesmo retira a espada Excalibur de uma rocha). A história então segue contando as aventuras de cada membro da família dos Volsungos, até a morte de Svanhild, sendo a última sobrevivente da família dos Volsungos a filha de Sigurd e Brynhild, Aslaug, que aparece na saga de Ragnar Lodbrok¹⁵.

O herói e a ideia do monomito, já descrito por Joseph Campbell em sua obra *O Herói de Mil Faces*¹⁶, pode ser aplicado no herói Sigurd e é notado que o chamado para a aventura ocorre quando Regin, um ferreiro e seu pai de criação, o pede para vingar sua família, matando assim Fafnir, um homem que já foi seu irmão e havia se transformado em uma serpente/dragão. Fafnir representa o monstro/tirano, aquele que assassinou seu próprio pai pelo desejo de possuir o seu tesouro. Ele então retorna da sua aventura com a honra de ter matado Fafnir, o ouro, e amplo conhecimento e sabedoria por ter comido seu coração. Pode-se até mesmo aplicar a jornada do herói e o monomito a toda a trajetória familiar e estendida a todos da família dos Volsungos, como um grande círculo, onde o herói não é personificado em um só personagem, mas sim aos volsungos como um todo.



¹⁵ MOOSBURGER, Théo de Borba. *Sagas Islandesas: Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 151.

¹⁶ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 2.ed. São Paulo: Pensamento, 1989, p. 36.



Árvore genealógica dos volsungos (autoria própria)

Análise das tradições simbólicas presentes na saga

A maçã, para os antigos escandinavos, era um símbolo de fertilidade e havia em sua mitologia uma deusa, Idunn, que especificamente cuidava de maçãs que serviam para o rejuvenescimento dos deuses e para mantê-los imortais¹⁷. A maçã, cujo centro de origem é no Cáucaso, Ásia Menor e Ásia Central¹⁸, está presente em diferentes mitologias, principalmente nas europeias e descendentes da cultura indo-europeia, como a grega e o mito do Jardim de Hespérides (cujas frutas também garantiam imortalidade) e também presente no julgamento de Paris, responsável mitologicamente pelo início da guerra de Tróia¹⁹.

A fertilidade representada pela maçã no imaginário escandinavo pode ser vista muito claramente logo no início da Saga dos Volsungos, onde Rerir, ao ter dificuldades em gerar um filho ou filha com sua esposa, pede aos deuses que o ajudem. Frigg, a esposa de Odin e frequentemente relacionada à fertilidade, conta a seu marido das preces e Odin envia Hliod, que por sua vez toma a forma de um corvo, (um símbolo animal de Odin) carregando uma maçã para entregar ao rei Rerir. O rei entrega a maçã para sua esposa e após três invernos a criança nasce e é chamada de Volsung, enquanto que sua mãe sacrifica sua vida para lhe conceber. Apresenta-se então várias informações, a primeira é a prece sendo feita para os deuses, que é atendida e

¹⁷ STURLSON, Snorri. *The Poetic Edda*. Tradução de Henry Adams Bellows. Nova York: Princeton, 1936, p. 129.

¹⁸ PASA, M. S.; CASTRO, C. M.; SILVA, C. P. Recursos genéticos da macieira. *Revista Brasileira Agrociência*, Pelotas, v. 18 n. 1-4, p. 45, jan./mar. 2012.

¹⁹ COX, G. W. *The Mythology of the Aryan Nations*. Londres: Kegan Paul, 1887, p. 321.

respondida por Frigg e Odin; a segunda é de que uma maçã foi enviada para suplantar a infertilidade ou dificuldade de alguma das partes em ter um descendente; a terceira é de que uma maçã é entregue por meio de um corvo; e a quarta de que a esposa de Rerir teve três anos de gestação e teve de morrer para que o filho nascesse.

O corvo que entregou a maçã para a esposa de Rerir era na verdade a Valquíria Hliod, filha de um gigante e que mais para a frente se casaria com Volsung. O corvo é um símbolo importante para os escandinavos, um símbolo de Odin que pode também ser chamado de deus-corvo²⁰. Neste caso, em que Hliod toma a forma de um corvo para entregar a maçã para Rerir, o significado pode ser interpretado como uma forma de passar o sinal para Rerir de que a maçã era algo vindo de Odin e dos deuses. As valquírias também eram associadas aos corvos, e uma hipótese de sua associação é o antigo mito celta de *Morrighu*, uma deusa celta que tomava a forma de um corvo e estimulava guerreiros na batalha.

A prece pela fertilidade (de acordo com o texto de Théo Moosburger está escrito “pediram fervorosamente”, enquanto que na tradução de Finch diz “prayed to the Gods”) foi escutada por Frigg, deusa da casa e chamada durante os partos²¹, o que implica que a deusa poderia ajudar nesta questão, assim como Thor e Odin são chamados numa batalha. A resposta de Frigg para a prece é contar para o seu marido, Odin, mas o porquê de uma deusa da fertilidade ter de repassar a informação para o seu marido é uma questão importante. Já haviam laços entre a família de Rerir e Odin, uma vez o que o pai de Rerir, Sigi, era filho do deus, mas o repasse da informação e o consequente uso da maçã podem ser entendidos de outra forma. A maçã sendo símbolo da fertilidade passa pelas mãos de Frigg e Odin, um casal, e é então entregue para a esposa de Rerir, e a saga é chamada de Saga dos Volsungos, pois é a partir de Volsung que a história familiar realmente começa. A interpretação que fica é de que a maçã, neste caso, que foi passada de esposa para marido e então entregue para Rerir é de que pode significar não só uma dádiva do casal de deuses, mas também que um pedaço da divindade foi passada para a família na forma da maçã. A fruta neste caso não representa somente a fertilidade, mas também um recipiente que contém a semente dos próprios deuses, Volsung então não seria apenas filho de Rerir e sua esposa, mas filho e fruto de uma junção dos deuses, cuja produção entre masculino (Odin) e feminino (Frigg) resultou na maçã, que foi comida pela esposa de Rerir e lá gerido.

²⁰ STURLSON, Snorri; PÁLSSON, Heimir (Org.). *Uppsala Edda*. Tradução de Anthony Faulkes. Exeter: Short Run Press, 2012, p. 57.

²¹ FINCH, Ronald G. *The Saga of the Volsungs*. Londres: Nelson, 1965, p. 47.

Volsung então não é apenas um homem, ele é um semi-deus, coisa que pode ser atestada durante toda a saga, tanto pela grande honra que ser descendente de Volsung confere aos seus familiares, quanto pela forma que ele é descrito, distinto de todos os outros homens, mais forte e mais inteligente. Na passagem que é dita logo depois de seu nascimento, pode-se verificar seu status, “Em breve ele ficou grande, forte e ousado em tudo que envolvia provações e hombridade. Tornou-se o maior guerreiro e foi vitorioso nas batalhas que travou em suas expedições”²². A diferenciação da estirpe dos Volsungos também é mostrada quando Odin em *persona* enfia uma espada na árvore do centro da mansão do rei Volsung, e a mesma é predestinada a ser tirada e empunhada por seu filho Sigmund.

O sacrifício maternal da esposa de Rerir ao morrer para conceber Volsung depois de três anos de gestação também dá mais força a teoria de que Volsung não era apenas humano. A gravidez e consequente morte de sua mãe mostra que o seu nascimento não foi normal, o tempo é desproporcionalmente maior do que uma gravidez comum, e este foi o intuito, mostrar que Volsung não era um homem comum, e sim um homem extraordinário.

O Lobo

Na mitologia escandinava o lobo tem uma posição muito elevada, ele é representado por Fenrir (o lobo filho de Loki, deus da trapaça do panteão nórdico e parte importante na escatologia escandinava), que está destinado a matar o deus Odin, e pelos filhos de Fenrir: Sköll e Hati, que perseguem e capturam o sol e a lua no evento escatológico *Ragnarok*. Fenrir é morto por Vithar, filho de Odin²³.

O lobo é mencionado diversas vezes na saga, e em praticamente todas as suas aparições no texto, de forma negativa. A primeira menção ao lobo em um sentido metafórico é no primeiro capítulo, quando Sigi mata Brendi, o escravo de Skadi, e esconde seu corpo. Sigi então é considerado um “lobo em lugar consagrado”²⁴ (na tradução de Finch, é chamado de *outlaw* e no texto original é chamado de *varg*). A ocultação de cadáver era considerada um crime muito mais grave e tinha punições muito mais severas do que um homicídio anunciado²⁵ e por isso ele foi

²² SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Tradução de Théó de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 40.

²³ STURLSON, Snorri; PÁLSSON, Heimir (Org.). *Uppsala Edda*. Tradução de Anthony Faulkes. Exeter: Short Run Press, 2012.

²⁴ SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Tradução de Théó de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 38.

²⁵ Ibidem, p. 38.

considerado um lobo, alguém sem honra. De acordo com Finch, *vargr* também é utilizado em um senso geral de fora da lei e sinônimo de *skógarmaðr*, cujo significado é homem da floresta, uma analogia de que o homem foi banido para as florestas e lá vivia, assim como viviam os lobos, e também poderiam ser caçados e mortos como lobos²⁶. Adquirir o status de exilado/lobo na sociedade escandinava não significava apenas o seu banimento, mas também sua desumanização e perda de direitos²⁷. O retorno para a sociedade não era impossível, seu banimento era de um lugar muito específico, e assim como a própria saga nos mostra, o próprio Sigi foi capaz de voltar para a sociedade e tomar uma posição de poder, mesmo tendo sido julgado como *vargr* no começo da história. No entanto, Sigi só foi capaz de tal feito com a ajuda de Odin, que o acompanhou durante seu banimento e lhe deu uma frota de navios para que pudesse batalhar e obter muitas riquezas. É claro que existe uma mensagem clara nesta passagem, de legislação, de que a lei é aplicada a todos, caso quebrada, e de que as pessoas devem sempre se manter dentro do código. E religiosa, de que os deuses e seu favoritismo se sobrepõem sobre essas regras mundanas.

A próxima aparição do lobo na saga é de uma forma não tão metafórica quanto a primeira, ele realmente aparece fisicamente. Quando os dez filhos de Volsung são capturados e acorrentados em um tronco no meio da floresta pelo marido de Signy, o rei Siggeir, uma loba devora um filho de Volsung a cada noite, aparecendo precisamente à meia-noite. Seguindo a história, o autor²⁸ sugere que a loba é na verdade a mãe de Siggeir que se transforma em uma loba por meio de magia e bruxaria (o termo usado na tradução em português por Théo Moosburger é "bruxaria", e na tradução de Finch, em inglês, o termo *witchcraft*). Esta transformação da mãe de Siggeir em uma loba é um ponto muito importante na saga, pois mostra uma forma de licantropia, ou seja, a transformação de seres humanos em lobos, e/ou lobisomens e/ou humanos com traços do animal. No caso descrito na saga, a transformação é integral (se transforma completamente em uma loba) e feita por meio de magia, e até onde é dito não é uma maldição, mas sim uma escolha, e durante a meia-noite, horário crucial quando se fala em magia²⁹. A noite também é relacionada aos lobos e licantropos por conta da sua ligação com a lua. Na saga também é dito que a loba era grande e maligna, o que pode-se relacionar ao fato dela

²⁶ FINCH, Ronald G. *The Saga of the Volsungs*. Londres: Nelson, 1965, p. 1.

²⁷ GUÐMUNDSDÓTTIR, Aðalheiður. The Werewolf in Medieval Icelandic Literature. *Journal of English and German Philology*, Illinois, p. 282, jul. 2007.

²⁸ SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 46.

²⁹ Ibidem, p. 45.

ser progenitora de Siggeir, que usou de artimanhas para matar o rei Volsung, como também por ela ter se transformado em uma loba, cujo significado metafórico na sociedade escandinava era bem negativa³⁰. A associação da loba com a família de Siggeir pode ter sido também uma criação do autor, ou mesmo da criação do mito, para desqualificar ainda mais a família de Siggeir, colocando-o como o centro da “falta de honra” e perversão, e a situação da mãe dele como uma licantropa maligna como uma exponenciação desse defeito. Outra forma de interpretar a licantropia da mãe de Siggeir, é que ela é a culpada da perversão de Siggeir, sendo assim um traço familiar, e não pessoal de Siggeir. Aðalheiður Guðmundsdóttir, professora e doutora da Universidade da Islândia, possui um texto pertinente que fala exatamente sobre licantropia na literatura medieval islandesa, e sua tese é de que existem nas sagas islandesas duas tradições lupinas presentes na escrita, uma nórdica antiga, e uma céltica. A céltica tem uma tradição mais romântica, trata o lobisomem/lobo normalmente como uma vítima de algo, ou seja, alguém com que pode-se simpatizar, enquanto na tradição antiga dos escandinavos, o lobisomem/lobo é visto como algo mais maléfico, negativo, raivoso e guerreiro³¹.

A tese de Guðmundsdóttir é importante para entender o segundo caso de licantropia que ocorre com Sigmund e Sinfiotli (que é filho de Sigmund e Signy em um caso de incesto) quando ambos vestem peles de lobo enfeitiçadas e, portanto, viram lobos. Os dois casos tratam de licantropia, porém se diferem em pontos essenciais. O primeiro ponto é com relação à transformação, no caso da mãe de Siggeir ela se transformou em um lobo por vontade própria, através de magia, enquanto que no caso dos descendentes de Volsung estes se transformaram ao usarem peles de lobo enfeitiçadas (interpreta-se no texto que a transformação foi passiva). O segundo ponto, talvez o mais importante, é a forma com que os casos são tratados de forma diferente pelo autor, sendo que a mãe de Siggeir é claramente colocada de forma negativa e os descendentes de Volsung são tratados de forma neutra.

O ato de vestir as peles de lobo e consequentemente se transformar no animal é uma metáfora (apesar da saga mostrar claramente que é licantropia) para os ritos de iniciação de um guerreiro. Sigmund, ao ver que Sinfiotli está à altura de ajudá-lo na vingança de sua família, o prepara para se tornar um guerreiro, o que envolve matar vários homens para obter riquezas, e quando é dito que eles colocam as peles de lobo enfeitiçadas e se tornam lobos, é mais uma

³⁰ Ibidem, p. 46.

³¹ GUÐMUNDSDÓTTIR, Aðalheiður. The Werewolf in Medieval Icelandic Literature. *Journal of English and Germanic Philology*, Illinois, p. 303, jul. 2007.

metáfora para entender como eram os ritos de iniciação guerreira, ao menos de um grupo específico, os *ulfheðnar*. Estes guerreiros frequentemente são relacionados com os guerreiros *berserkr*, que iam para as batalhas sem proteção alguma (diferente dos *ulfheðnar*, que utilizavam a pele de lobo)³² e em frenesi. Eles eram conhecidos por sua grande força e coragem em batalha, e o que lhes concedia tal entusiasmo era justamente a crença de que eles adquiriam parte do comportamento e características do animal³³. Interpreta-se então que esta licantropia mostrada na saga foi Sigmund guiando Sinfiotli em um ritual mágico de iniciação guerreira, uma iniciação bem específica, dos *ulfheðnar*, o que difere muito do significado da licantropia da mãe de Siggeir. Uma é referente a uma iniciação guerreira de um grupo, e a outra sobre a honra de caráter de uma família e uma feiticeira.

Várias outras menções sobre lobos aparecem na saga, mas nenhuma traz a tona o caso da licantropia novamente, portanto, serão tratadas em conjunto. É constatado nestes trechos que quando o autor(es) faz a alusão ao lobo, frequentemente o que se entende é que um lobo é alguém que o irá trair, alguém que não se pode depositar confiança. Existem também várias menções a filhotes de lobo, que no caso são crianças ou descendentes de pessoas que têm intenções nocivas ou desonrosas. Então, face a tantas informações sobre lobos e licantropos, surge a pergunta, o que o lobo representa para a sociedade escandinava? Qual era seu significado, tanto quanto animal, quanto no sentido metafórico? Para responder essas duas questões, deve-se ampliar a perspectiva de análise e utilizar-se de outras fontes de informação.

A relação humano-animal é antiga, sejam animais domesticados para o consumo como gado e ovelhas, quanto animais domesticados para outros fins, como gatos e cães. E para entender melhor a relação entre os homens escandinavos e os lobos, é preciso também entender qual era sua relação com os animais como um todo. Há evidências arqueológicas de que alguns cães e cavalos foram sepultados de forma muito parecida com a que alguns humanos na Escandinávia pré-cristã eram enterrados³⁴. O fato de existir um sepultamento de cães, e até covas onde só foram encontrados cães, mostra que existia uma conexão homem-cão e que estes animais possuíam de alguma forma uma importância para serem sepultados. Jennbert diz em seu artigo

³² MIRANDA, Pablo Gomes de. Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões sobre os elementos religiosos dos Berserkr e dos Ulfheðnar. *História, imagem e narrativas*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 3, out. 2010.

³³ ELIADE, Mircea. *Rites and Symbols of Initiation: the mysteries of birth and rebirth*. Traduzido por Willard R. Trask. Nova York: Harper & Row, 1975, p. 82.

³⁴ JENNBERT, Kristina. Certain Humans, Certain Animals: attitudes in the long term. In: CEDERHOLM, E. A. (Org.); BJÖRCK, A. (Org.); JENNBERT, K. (Org.); LÖNNGREN, A. (Org.). *Exploring the animal turn: human-animal relations in science, society and culture*. Lund: Pufendorf Institute, 2014, p. 185.

que o enterro ritualístico canino em alguns casos ter tanto significado quanto o dos humanos (pelo fato de ter sido feito de forma parecida ou mesmo junto com humanos), existia alguma forma de identificação com o animal³⁵. A autora também faz o corte de classes e diz que provavelmente esta forma de tratar o animal como um ser semelhante a este ponto era algo bem exclusivo de uma elite socioeconômica, e que provavelmente isto ocorria nas pessoas com mais riquezas ou status social. Os cavalos seguem a mesma lógica dos cães, o que mostra que não era algo exclusivo de uma espécie só³⁶.

A imagem e simbolismo dos animais também era importante o suficiente para fazer parte de ornamentos, espadas e *runestones* (grandes estelas de pedra com desenhos e escritos rúnicos). Os nomes pessoais de alguns escandinavos às vezes continham alusões a animais, como por exemplo *Biorn/Bjorn* (urso), *Ulf* (lobo), *Ari* (águia), *Ramn* (corvo), o que pode-se concluir que os animais eram parte importante da sociedade escandinava³⁷.

Portanto, a representação do lobo para a sociedade escandinava significava em seu sentido metafórico alguém sem honra. No entanto, o lobo ainda era respeitado como animal (como visto nas representações do lobo na mitologia e em objetos como as *runestones*), suas características animais, como coragem, força e ímpeto, que estão diretamente ligadas à imagem da masculinidade, refletem na licantropia de Sinfiotli e Sigmund.

A Feitiçaria

A magia nas sagas é bastante unilateral, grande parte é praticada apenas por mulheres, e em apenas dois momentos a magia é praticada por homens. As duas passagens em que homens fazem uma prática mágica são quando Gunnar e Sigurd trocam de aparência (magia ensinada pela mãe de Gunnar, Grimhild) para que Gunnar possa pedir Brynhild em casamento (Brynhild é filha do rei Budli, mas também é uma valquíria). A outra é quando há uma página dedicada a descrever Sigurd, e nela diz “Ele era um homem sábio ao ponto de saber coisas ainda não ocorridas. Compreendia o canto dos pássaros e, por conta disso, poucas coisas o pegavam desguarnecido”³⁸.

³⁵ Ibidem, p. 185.

³⁶ Ibidem, p. 188.

³⁷ JENNBERT, Kristina. Ambiguous truths? People and animals in pre-Christian scandinavia. In: BERGSTOL, Jostein (Org.). *Scandinavian Archaeological practice - in theory*. 6th Nordic TAG, Oslo, 2001, p. 223.

³⁸ SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 88.

Tal desproporcionalidade entre feiticeiros homens e mulheres pode ser explicada pela diferenciação escandinava entre práticas mágicas. Existiam dois tipos de magia, *seiðr* e *galldr*, sendo a primeira praticada majoritariamente por mulheres, e a segunda por homens. *Galldr* estava mais relacionado a magias de proteção, enquanto *seiðr* era designada para adivinhações, preparo de poções, transformações, e muitas vezes relacionada com a efeminação³⁹.

Logo no começo da Saga dos Volsungos, temos o nosso primeiro exemplo de magia, a previsão de Signy sobre o seu casamento com Siggeir, em que ela diz “Eu não gostaria de partir junto com Siggeir, meu coração não se alegra ao seu lado. E eu sei, pela minha providência e pelo dom que nossa família tem, que essa decisão há de causar-nos grande infortúnio caso este casamento não seja desfeito rápido”⁴⁰. Signy é uma *völva*, ou seja, uma vidente e neste momento ela prevê a tragédia e morte posterior de seu pai e de nove de seus irmãos. O dom familiar que é citado por Signy diz respeito de uma herança mágica, ou tendência à magia que a família tem por conta de sua descendência de Odin, tanto por parte de Sigi, quanto por parte de Volsung, que é fruto da relação Rerir-Esposa-Odin-Frigg e a maçã, que já foi previamente abordada. A profecia não recebe atenção de seu pai e as razões podem ser três: de que o futuro predito não pode ser mudado; de que um Volsungo não foge; ou até mesmo por causa da posição social da mulher perante o homem e o casamento. É pertinente citar que o tema da profecia-cumprimento ocorre mais vezes durante a Saga, e elas não necessariamente são ignoradas como fez Volsung com sua filha Signy.

Seguindo a história, um exemplo que já foi explicado mas é significativo frisar, é a magia que a mãe de Siggeir utiliza para se transformar em uma loba maligna e o autor(es) que descreve a transformação como “bruxaria e magia”. Sobre isto, é importante salientar que a mãe de Siggeir utilizar ou fazer uso de magia não é o ponto central que deve ser entendido como negativo, pois a magia é algo relativamente recorrente na Saga. A expressão “bruxaria” só é utilizada uma vez durante toda a Saga pelo tradutor Moosburger⁴¹ (traduzindo precisamente a colocação do autor desconhecido, que era cristão), enquanto na tradução de Finch⁴² a expressão *witchcraft* é aplicada quando ele se refere também às *völvur*, que são mulheres que possuem o dom de prever o futuro. No texto original, a mãe de Siggeir é chamada de *trollskapar*, primeira aparição da palavra

³⁹ MALTAURO, Marlon. Magia. In: LANGER, Johnni (Org.); LUFTE, Munir (Org.). *Desvendando os Vikings: estudo de cultura nórdica medieval*. João Pessoa: Ideia, 2016, p. 180.

⁴⁰ SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Traduzido por Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 43.

⁴¹ SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Traduzido por Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011, p. 46.

⁴² THE SAGA OF THE VOLSUNGS. Anônimo. Traduzido por Ronald G. Finch. Londres: Nelson, 1965.

witchcraft na tradução de Finch. A segunda aparição de *witchcraft*, os personagens são chamados de *nornar* no texto original⁴³. As *nornas* funcionam na mitologia escandinava de uma forma muito parecida com as parcas da mitologia grega, tecendo e decidindo o futuro e destino das pessoas e deuses. A tradução de Finch pode ter sido equivocada, já que a palavra *norn* em islandês moderno (uma das línguas menos modificadas do *old norse*) significa bruxa, um termo depreciativo e está mais ligado a práticas mágicas negativas. Logo, a única vez em que a magia é descrita nas sagas de forma pejorativa é quando se fala da transformação da mãe de Siggeir em uma loba, o que traz a conclusão de que a magia não era algo negativo para a sociedade escandinava, mas algumas práticas poderiam ter um fim maligno por causa das intenções do praticante e não por causa da natureza da magia. A prática da magia (tanto *seiðr* quanto *galldr*) pode ser interpretada de forma errônea como magia “negativa” e magia “positiva”, principalmente por influências cristãs, mas cabe lembrar que na Era Viking não existia tal maniqueísmo relacionado à prática mágica, a magia era neutra, o feiticeiro ou feiticeira é que poderia utilizar a magia de uma forma ou de outra, cabendo a responsabilidade ao conjurador, não à magia em si⁴⁴.

A outra passagem que deve ser notada é justamente a que já foi anteriormente citada, a troca de imagem entre Gunnar e Sigurd. Antes, é importante para o entendimento do argumento que se saiba a natureza do círculo de fogo que circundava a mansão de Brynhild e as exigências da própria Brynhild para o casamento. Odin, ao castigar a desobediência da valquíria a perfurou com um cravo do sono e a condenou a casar-se (o que é considerado uma punição para uma valquíria, significando a submissão da mulher ao homem com quem se casará), e em contrapartida Brynhild jurou que só se casaria com um homem que não sentisse medo. Gunnar falha ao tentar atravessar o círculo de fogo, porque o cavalo que ele montava não queria saltar, ele então pede o cavalo de Sigurd emprestado, que o faz de bom grado, mas mesmo assim ele falha novamente. E é neste momento que ambos trocam de forma com um feitiço que lhes fora ensinado pela mãe de Gunnar, Grimhild (que já havia provado sua proficiência em magia quando enfeitiçou Sigurd duas vezes anteriormente). Sigurd então entra no círculo de fogo com seu próprio cavalo, mas com a aparência de Gunnar e pede Brynhild em casamento para ele. Previamente a este acontecimento, Sigurd já havia encontrado e acordado Brynhild e provado ser

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ MALTAURO, Marlon. Magia. In: LANGER, Johnni (Org.); LUFTE, Munir (Org.). *Desvendando os Vikings: estudo de cultura nórdica medieval*. João Pessoa: Ideia, 2016, p. 196.

o homem mais forte e sem medo (estereótipos da masculinidade escandinava da Era Viking), mas a havia esquecido por conta de uma poção feita por Grimhild.

A relevância desta passagem é entender a ideia central que ela quer passar e o que é possível analisar a partir dela. Quando Gunnar utiliza de uma magia feita por sua mãe (provavelmente uma magia *seiðr*), a sua masculinidade é diminuída assim como Maltauro comenta em seu artigo sobre magia⁴⁵. Ainda mais grave é outro homem atravessar em seu lugar as provações colocadas por Odin e pela própria Brynhild, é admitir a sua inferioridade masculina, de força, de coragem, de tudo. Gunnar assume que Sigurd e os Volsungos são superiores a ele e sua família. Portanto, pode-se inferir que a Saga dos Volsungos mostra importantes arquétipos da masculinidade na Escandinávia da Era Viking, a força, a coragem e a honra. Estas características formam a base do masculino, a força é observada na iniciação guerreira que Sinfiotli passa, a coragem na forma com que o rei Volsung encara uma derrota certa e se recusa a recuar ao dizer que um Volsungo jamais recua e que ele não ficaria conhecido por ter corrido de uma batalha, e a questão da honra, que é mostrada quando Sigurd se recusa a dormir com Brynhild, mesmo estando com a forma de Gunnar.

O último ponto sobre feitiçaria que também é pertinente, é quando Brynhild e Sigurd se encontram pela primeira vez, logo após Sigurd ter matado o dragão/serpente Fafnir e comido parte do seu coração, que lhe conferiu capacidades mágicas (é a razão dele conseguir prever o futuro e entender o canto dos pássaros, e não por ele praticar magia). No diálogo entre ele e Brynhild, ela declama um poema que fala sobre runas e como usá-las para proteção, cura, vitória e outras formas. Este uso específico das runas cabe no uso de magia, no entanto, é a magia *galldr*, que é aceita para prática entre homens. Esta é a única vez na Saga inteira em que se vê as runas serem usadas e ensinadas com a intenção mágica, o que pode sugerir que o conhecimento de runas mágicas era algo bem limitado. A explicação para Brynhild conhecer as runas e suas propriedades mágicas é que ela é uma valquíria, e serve a Odin, que tem o conhecimento sobre as runas e suas utilizações, o que leva a acreditar que este conhecimento, na mitologia, seria passado adiante para suas valquírias.

⁴⁵ Ibidem, p. 185.

Conclusão

A Saga dos Volsungos é repleta de simbolismos pagãos que permitem analisar a estrutura da sociedade da Era Viking e até mesmo estruturas mais antigas que duraram por algum tempo mesmo depois da cristianização da Escandinávia. O culto da fertilidade, o lobo e a feitiçaria são apenas aspectos da base que construía esta sociedade. A conclusão que pode-se tirar é de que a maçã teve um papel importante dentro da mitologia escandinava e seus mitos de fertilidade, e entender o que ela representa na Saga dos Volsungos é também entender o que se buscava quando as pessoas se identificavam como descendentes de Volsung, e que esta é uma história de sua família. A análise do lobo mostra uma apropriação do animal e seu uso metafórico para determinar uma das características marcantes da sociedade escandinava, a honra, e o que significava ser chamado de lobo, ou mesmo ser considerado um lobo (no sentido de fora da lei) e perda de direitos como indivíduo. Além disso, a análise mostrou a relação homem-animal presente na Escandinávia pré-viking e viking, seja ela com animais domésticos ou não, e além disso todo o ritual que envolve se transformar em um *berserkr*, *ulfheðnar* e um guerreiro. A feitiçaria presente nas sagas dá uma abertura para ver a relação que existia entre os escandinavos e a magia, além de mostrar mais um ponto da sociedade, a relação homem-mulher e o que significava a masculinidade.

Portanto, acredito que este artigo tenha atingido seu objetivo de analisar três temas que perpassam a Saga: a fertilidade; o sentido metafórico do lobo; e a feitiçaria. Foi explicado tanto a Saga quanto o contexto histórico da forma mais coesa possível, para que qualquer pessoa com interesse no assunto possa entender e aproveitar da construção do conhecimento histórico.

Bibliografia

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 2.ed. São Paulo: Pensamento, 1989.

COX, G. W. *The Mythology of the Aryan Nations*. 2.ed. Londres: Kegan Paul, 1887. Disponível em: <<https://archive.org/details/mythologyofaryan00coxguoft>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

DALE, Roderick Thomas Duncan. *Berserkir: a re-examination of the phenomenon in literature and life*. 2014. Tese (PhD) - Faculdade de Artes, Escola de Inglês, Campus UK, Universidade de Nottingham, Nottingham, 2016. Disponível em: <<http://eprints.nottingham.ac.uk/28819/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ELIADE, Mircea. *Rites and Symbols of Initiation: the mysteries of birth and rebirth*. Traduzido por Willard R. Trask. Nova York: Harper & Row, 1975. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/272415805/Eliade-Mircea-Rites-and-Symbols-of-Initiation-Harper-Row-1958>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. *Shamanism: Archaic Techniques of ecstasy*. Traduzido por Willard R. Trask. Nova Jersey: Princeton University Press, 1972. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/290771959/Shamanism-Archaic-Techniques-of-Ecstasy>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Dogs in graves: a question of symbolism. Disponível em: <https://www.academia.edu/5214838/Dogs_in_graves_-_a_question_of_symbolism>. Acesso em: 10 nov. 2016.

GUÐMUNDSDÓTTIR, Aðalheiður. The Werewolf in Medieval Icelandic Literature. *Journal of English and Germanic Philology*. Illinois, p. 277-303, jul. 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/4659347/The_Werewolf_in_Medieval_Icelandic_Literature_2007_JEGP_106_3_277_303>. Acesso em: 11 nov. 2016.

JENNBERT, Kristina. Ambiguous truths? People and animals in pre-Christian Scandinavia. In: BERGSTOL, Jostein (Org.). *Scandinavian Archaeological practice - in theory*. 6th Nordic TAG, Oslo, 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/22643966/Ambiguous_Truths_-_People_and_Animals_in_Pre-Christian_Scandinavia>. Acesso em: 08 nov. 2016.

_____. Certain Humans, Certain Animals: attitudes in the long term. In: CEDERHOLM, E. A. (Org.); BJÖRCK, A. (Org.); JENNBERT, K. (Org.); LÖNNGREN, A. (Org.). *Exploring the animal turn: human-animal relations in science, society and culture*. Lund: Pufendorfinstitute, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/10127309/Exploring_the_animal_turn_Human-animal_relations_in_science_society_and_culture_Editors_Erika_Andersson_Cederholm_Amelie_Bj%C3%B6rk_Kristina_Jennbert_Ann-Sofie_L%C3%B6nngren>. Acesso em: 08 nov. 2016.

_____. Animal Mouthpieces for Human Properties and Identity: a Scandinavian perspective. In: PLUSKOWSKI, A. (Org.); KUNST, G. K. (Org.); KUCERA, M. (Org.); BIETAK, M. (Org.);

HEIN, I. (Org.). *Bestial Mirrors - Using Animals to construct human identities in medieval Europe. Animals as material culture in the middle ages 3*. Vienna Institute for Archaeological Science. Viena, p. 39-46, mar. 2013. Disponível em:
<https://www.academia.edu/22644731/Animal_mouthpieces_for_human_properties_and_identity_-_a_Scandinavian_perspective>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Animal graves: Dog, horse and bear. *Current Swedish Archaeology*, Suécia, v. 11, p. 139-152, 2003. Disponível em:
<https://www.academia.edu/2165737/Animal_graves._Dog_horse_and_bear>. Acesso em: 11 nov. 2016.

LANGER, Johnni. *Deuses, Monstros, Heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora UnB, 2009.

_____. Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 909-936, jul./set. 2016. Disponível em:
<https://www.academia.edu/28844595/Uma_breve_historiografia_dos_estudos_brasileiros_de_religiao_nordica_medieval_A_brief_historiography_of_Brazilian_studies_on_medieval_Norse_Religion_HORIZONTE_14_43_2016_Qualis_Capes_A1_em_Religio%C3%A3o_ISSN_2175-5841>. Acesso em: 11 nov. 2016.

_____. *Galdr e Feitiçaria nas Sagas Islandesas: Uma análise do poema Buslubæn. Brathair*, Maranhão, 9 (1), p. 66-90, 2009. Disponível em:
<https://www.academia.edu/752836/GALDR_E_FEITI%C3%A7ARIA_NAS_SAGAS_ISLANDESAS_BRATHAIR_9_2009>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. *Seidr: magia feminina e xamânica entre os vikings*. In: LUPI, João (Org.). *Druídas, cavaleiros e deusas*. Florianópolis: Insular, p.126-144, 2010. Disponível em:
<https://www.academia.edu/753500/Seidr_magia_feminina_e_xam%C3%A2nica_entre_os_vikings_In_LUPI_Jo%C3%A3o_Org._Dru%C3%ADas_cavaleiros_e_deusas_Florian%C3%B3polis_Edit%C3%B3ra_Insular_2010_p._126-144>. Acesso em: 11 nov. 2016.

_____. Símbolos religiosos dos vikings: guia iconográfico. *História, imagem e narrativas*. Rio de Janeiro, n. 11, out. 2010. Disponível em:
<https://www.academia.edu/752529/S%C3%ADmbolos_religiosos_dos_Vikings_guia_iconogr%C3%A1fico_Religious_symbols_of_the_Vikings_a_pictorial_guide_HIST%C3%93RIA_IMAGEM_E_NARRATIVAS_11_2010>. Acesso em: 08 nov. 2016.

_____. Repensando a bruxaria nórdica medieval. *Revista de História e Estudos Culturais*. Maranhão, v. 9, n. 2, ano IX, maio/jun./jul./ago. 2012. Disponível em:
<https://www.academia.edu/2177798/Repensando_a_bru%C3%A7aria_n%C3%B3rdica_medieval_F%C3%80IX_REVISTA_DE_HIST%C3%93RIA_E_ESTUDOS_CULTURAIS_9_9_2_ISSN_1807-6971_Qualis_B2_em_Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 08 nov. 2016.

MALTAURO, Marlon. Magia. In: LANGER, Johnni (Org.); LUFTE, Munir (Org.). *Desvendando os Vikings: estudo de cultura nórdica medieval*. João Pessoa: Ideia, p. 179-197, 2016. Disponível em:

<https://www.academia.edu/29801852/Desvendando_os_vikings_estudos_de_cultura_n%C3%B3rdica_medieval_Jo%C3%A3o_Pessoa_Id%C3%A9ia_2016_ISBN_978-85-463-0144-7_Organizado_por_Johnni_Langer_e_Munir_Lutfe_Ayoub>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MIRANDA, Pablo Gomes de. Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões sobre os elementos religiosos dos *Berserkir* e dos *Ulfheðnar*. *História, imagem e narrativas*. Rio de Janeiro, n. 11, p. 3, out. 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/2971442/Seguindo_o_Urso_e_o_Lobo_discuss%C3%B5es_sobre_os_elementos_religiosos_dos_Berserkir_e_%C3%9Aulfhednar>. Acesso em: 18 nov. 2016.

PASA, M. S.; CASTRO, C. M.; SILVA, C. P. Recursos genéticos da macieira. *Revista Brasileira Agrociência*, Pelotas, v. 18, n. 1-4, p. 45, jan./mar. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CAST/article/viewFile/2486/2321>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

ROESDAHL, Else. *The Vikings*. 4.ed. Londres: Penguin, 1998.

SAGA DOS VOLSUNGOS. Anônimo. Traduzido por Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2011.

SPEIDEL, Michael P. A History of Indo-european "Mad Warriors". *Journal of World History*. Hawaii, v. 13, n. 2, p. 253-290, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/179182155/Berserks-A-History-of-Indo-European-Mad-Warriors>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

STURLSON, Snorri. *The Poetic Edda*. Traduzido por Henry Adams Bellows. Nova York: Princeton, 1936. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/poe/poe.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

STURLSON, Snorri; PÁLSSON, Heimir (Org.). *Uppsala Edda*. Traduzido por Anthony Faulkes. Exeter: Short Run Press, 2012. Disponível em: <<http://vsnrweb-publications.org.uk/Uppsala%20Edda.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos Indo-Europeus: Zeus e a proto-religião dos indo-europeus*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

THE SAGA OF THE VOLSUNGS. Anônimo. Traduzido por Ronald G. Finch. Londres: Nelson, 1965. Disponível em: <<http://vsnrweb-publications.org.uk/Volsunga%20saga.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.